

M3dia e viol3ncia: um olhar sobre o Brasil

Denise W. Carvalho,¹
Maria Teresa Freire¹
e Guilherme Vilar²

Como citar: Carvalho DW, Freire MT, Vilar G. M3dia e viol3ncia: um olhar sobre o Brasil. Rev Panam Salud Publica. 2012;31(5):435-8.

SINOPSE

O presente artigo discute a espetaculariza3n e a utiliza3n da viol3ncia pela m3dia para captar audi3ncia, citando casos brasileiros, assim como os poss3veis pap3is da m3dia no incentivo ou redu3n da viol3ncia. O tema viol3ncia perpassa a configura3n das sociedades e seus diversos elementos, dentre os quais a m3dia se destaca. O debate considera que os meios de comunica3n, como produtores de sentido, podem contribuir para a transforma3n de comportamentos e h3bitos sociais a partir de uma abordagem que valorize a igualdade, a cidadania, a liberdade e a seguran3a dos sujeitos. Ao restringir a import3ncia e a 3nfase ao assunto viol3ncia, o discurso midi3tico pode contribuir para uma cultura mais equ3nime no sentido de promover a redu3n dos 3ndices de viol3ncia.

Palavras-chave: viol3ncia; comunica3n em sa3de; informa3n; meios de comunica3n de massa; Brasil.

¹ Pontif3cia Universidade Cat3lica do Paran3 (PUCPR), Escola de Comunica3n e Artes, Curitiba (PR), Brasil. Correspond3ncia: Denise W. Carvalho, denisewerneck.f@gmail.com

² Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Departamento de Estatística e Inform3tica, Recife (PE), Brasil.

Os pa3ses latino-americanos seguem na dire3n de inibir o aumento da viol3ncia, em todas as suas formas. Entretanto, o Brasil ocupa a sexta posi3n no *ranking* mundial da Organiza3n Mundial da Sa3de (OMS) (1, 2), o que sugere que os esfor3os do governo brasileiro n3o t3m sido suficientes para trazer seguran3a 3 sociedade, sendo os jovens as principais v3timas.

A viol3ncia faz parte da hist3ria da humanidade desde a sua origem. A literatura sobre esse assunto 3 prolifera, tendo recebido a contribui3n de muitos pensadores ao longo do tempo. Para Marx, a viol3ncia advinha das rela3es expressas pelo capital, pela luta de classes e pela explora3n da m3o de obra assalariada. Hegel entendia a viol3ncia como inerente ao ser humano, enquanto Nietzsche se concentrava no combate 3 injusti3a, defendendo que a viol3ncia mantinha uma fun3n de mem3ria sobre os efeitos de a3es proibidas pela sociedade (3). Autores como Bauman (4), Giddens (5), Chau3 (6), Porto (7), Carvalho (8) e Fausto Neto (9) compartilham a preocupa3n com os avan3os da viol3ncia, discutindo aspectos gerais e sociais de seus efeitos.

Na defini3n de Michaud (10):

H3 viol3ncia quando, numa situa3n de intera3n, v3rios atores agem de maneira direta ou indireta, maci3a ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus vari3veis, seja em sua integridade f3sica, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participa3es simb3licas e culturais. (p. 11)

O conceito abarca os planos antropol3gico e sociol3gico: antropol3gico porque os instintos s3o entendidos como derivados da cultura, o que torna o desconhecido hostil, originando a agress3n, a ira e o combate; e sociol3gico por admitir diferen3a de interpreta3es, destacando que um sistema 3 constitu3do de vari3veis associadas ao meio ambiente, equilibrando o comportamento em sociedade.

Ao abordar a viol3ncia a partir das diferentes dimens3es da vida social, o conceito de Michaud (10) permite diferenciar as dimens3es material e simb3lica ao considerar que, como fen3meno, a viol3ncia varia de uma sociedade para outra. Contudo, a OMS alerta para a necessidade de um consenso mundial sobre o que se considera como viol3ncia, que permita comparar os dados entre os pa3ses para construir uma base s3lida de conhecimento (11).

Nesse contexto de viol3ncia e cultura, 3 preciso considerar os avan3os das tecnologias da comunica3n e da informa3n, que projetaram a informa3n a patamares jamais observados. Das m3dias impressas 3s eletr3nicas, das redes sociais aos *blogs* e *microblogs*, a sociedade nunca produziu nem recebeu tanta infor-

maç3o como nos dias atuais. O celular, por exemplo, no decorrer de seus cerca de 40 anos, integrou-se completamente ao cotidiano das pessoas. Esse grande acesso 3 tecnologia e 3 informaç3o serviu, de um lado, para trazer facilidade e conforto 3 vida das pessoas; de outro, trouxe tamb3m o distanciamento ao qual se refere Caldeira (12) quando alerta para a dist3ncia entre as classes nas cidades contempor3neas como um dos fatores decorrentes do crescimento irrevers3vel da tecnologia. Conforme Caldeira, essa transformaç3o do espaço p3blico em privado 3 uma das heranç3s que indiretamente conduzem 3 viol3ncia (12). A informaç3o produzida ficou muito mais r3pida, plural e acess3vel, mas tamb3m confundiu os crit3rios de prioridade, seleç3o e de estabelecimento de espaços.

A transformaç3o da informaç3o em produto exige que ela assuma as caracter3sticas associadas a qualquer processo industrial: a necessidade de uma relaç3o econ3mica entre o que 3 produzido e aqueles que consomem essa produç3o. Assim, a informaç3o se desvincula de sua principal funç3o, que 3 garantir 3 coletividade condiç3es de cidadania, visando a instruir, noticiar, indagar, esclarecer e dar forma aos questionamentos da populaç3o (13).

3 o que se observa na intensidade da divulgaç3o do caso de um grupo de meninas de 7 a 13 anos apreendidas diversas vezes fazendo arrast3o nas ruas de S3o Paulo. Na delegacia, em depoimento, uma das m3es se dirigiu 3 filha da seguinte forma: “- Volta ao mesmo local do crime. Mas 3 besta mesmo”. A entrevista foi exibida em rede nacional e pela Internet (8).

Uma articulaç3o entre recursos e pol3ticas da administraç3o p3blica tem sido valorizada por v3rios autores, como Caldeira (12), Leon (14), Minayo (15), Fausto Neto (9), Maricato (16), Misse (17) e Chau3 (6), para conter a viol3ncia nas cidades.

AS RESPONSABILIDADES DA M3DIA NO ENFRENTAMENTO DA VIOL3NCIA

Para fugir das medidas coercitivas ou inibit3rias, o crime organizado ocupa cidades menos preparadas para lidar com a viol3ncia. 3 o que acometeu a Cidade de Curitiba, no Sul do Brasil, nos 3ltimos anos. Nessa cidade, crimes de grande impacto foram vividos pela comunidade e exibidos exaustivamente pela televis3o. Um exemplo forte foi o caso de uma menina de 9 anos encontrada dentro de uma mala na estaç3o rodoferrovi3ria de Curitiba, na madrugada de 4 de novembro de 2008 (13). A viol3ncia que vitimou Rachel Maria Lobo Genofre ocupou incessantemente a m3dia televisiva e internacional, por v3rias semanas.

Ao divulgar crimes, os ve3culos se preocupam com pormenores das situaç3es, tornando a viol3ncia um grande e minucioso assunto. A informaç3o jornal3stica j3 n3o basta; o importante passa a ser a perpetuaç3o do interesse pelo crime, compar3vel ao que ocorre nas novelas, no sentido de levar ao extremo os acontecimentos para envolver os indiv3duos. Nesse particular, destaca-se o caso da menina brasileira Isabela Nardoni (6), defenestrada do sexto andar de um edif3cio resi-

dencial de S3o Paulo na noite de 29 de març3o de 2008. O caso foi exaustivamente explorado pela imprensa, o que gerou uma esp3cie de not3cia seriada. Mesmo na aus3ncia de algum fato novo, o caso era exposto durante grande parte do dia, com imagens e interpretaç3es excessivamente repetidas e exploradas, levando 3 conclus3o de que, para ganhar a audi3ncia, tudo se justificava: a transformaç3o de her3is em anti-her3is e de v3timas em agressores e novamente em v3timas.

Agressores e criminosos s3o tratados como celebridades nas capas das revistas, como 3 o caso do traficante Luiz Fernando da Costa, de codinome Fernandinho Beira Mar (16), v3rias vezes entrevistado em revistas eletr3nicas e estampado nas capas de importantes revistas no Brasil por seus feitos “magn3ficos”. Nesse tipo de discurso, os criminosos s3o apresentados como pessoas de h3bitos comuns ou de h3bitos ex3ticos, conforme o que render mais audi3ncia. Entrevistas s3o conduzidas na sala de visitas dos agressores, a exemplo do mesmo casal Nardoni, acusado de haver defenestrado a menina Isabela. Os acusados concederam entrevista a uma 3nica rede de televis3o, sob a condiç3o de que as perguntas fossem formuladas previamente. Em outro caso, uma apresentadora de TV conduziu, ao vivo, por telefone, uma entrevista com o sequestrador de uma adolescente de 15 anos, Elo3 Cristina Pimentel, no momento em que a pol3cia tentava negociar com o criminoso. Em suas falas, a apresentadora manifestava orgulho por entrevistar o sequestrador, ignorando que o feito atrapalhava o trabalho da pol3cia. A adolescente veio a falecer em 18 de outubro de 2008, v3tima de morte cerebral causada por tiro na cabeça que partiu do agressor, Lindemberg Fernandes Alves, a quem a apresentadora considerava que “n3o 3 bandido, 3 um trabalhador”. A entrevista ocupou blocos inteiros da programaç3o.

Especialistas s3o convidados a analisar os casos em ambientes que simulam uma conversa entre amigos, como uma tarde de domingo ou uma conversa depois do trabalho. Em um clima informal, a viol3ncia 3 apresentada como um elemento comum ou banal, e entre o horror, o esc3ndalo, a raiva e o medo, o telespectador n3o consegue se livrar do assunto, que j3 agenda a conversa no 3nibus, no condom3nio, no clube ou no trabalho.

A cultura da viol3ncia 3 promovida pela m3dia como uma resposta ao cotidiano social que busca combater a rotina, proteger-se e livrar-se do perigo, em uma negaç3o que equivaleria a uma pessoa dizer “ainda bem que n3o aconteceu comigo”. N3o importa mais a informaç3o, mas o quanto o elemento viol3ncia 3 capaz de ser mantido a fim de expiar a ang3stia dos indiv3duos.

No outro extremo, para a m3dia, a viol3ncia tamb3m 3 capaz de criar ou manter significados. As imperfeiç3es dos indiv3duos, conhecidas como contr3rias 3 virtude — luxo, lasc3via, avareza, orgulho —, s3o reforçadas pelo destaque ao sofrimento das v3timas. A realidade e o sofrimento do outro, comparados 3 indignaç3o, 3 compaix3o, aos sentimentos de perda e 3 ang3stia, reforçam as virtudes do cidad3o comum,

que pode julgar-se a si mesmo como justo, solid3rio ou generoso, conforme a situa33o lhe permitir.

O cen3rio da viol3ncia 3 promovido tamb3m na forma como os contrastes sociais s3o apresentados, quer seja nos filmes, nas novelas, nas propagandas ou no telejornalismo. Pela necessidade de promover o consumo, valorizam-se elementos n3o oferecidos 3 maioria da popula33o: padr3es de vida elevados, beleza e facilidade na obten33o de objetos ou determinadas condi33es sociais. A m3dia, ent3o, relega a informa33o a um n3vel secund3rio na busca pela audi3ncia e pela identifica33o dos telespectadores com h3bitos e atitudes planejados ou reconhecidos quando da pesquisa e do planejamento da programa33o.

Assim, algumas das fun33es da m3dia s3o corrompidas, por exemplo, a preven33o e a educa33o dos p3blicos para combater e proteger-se da viol3ncia e da criminalidade. Ao abordar exaustivamente situa33es de risco, de perigo ou de viol3ncia experimentada, a realidade se mistura 3 fantasia, e os sentidos humanos s3o influenciados pelo imagin3rio, reduzindo ou ampliando as amea3as dos ambientes.

Quando o comportamento de determinado personagem de novela 3 repetido nas ruas por pessoas comuns, a fic33o vira realidade e as situa33es experimentadas podem se entrela3ar, como em uma rede. Dessa forma, ao intercalar realidade e modelos, a m3dia pode auxiliar as pol3ticas p3blicas que priorizam a seguran3a de cidades e regi3es, demonstrando a33es necess3rias para coibir, suprimir ou diminuir as causas da viol3ncia. A33es conscientes da m3dia na produ33o de mat3rias, reportagens, novelas, filmes, document3rios ou mesmo na programa33o infantil podem servir 3 promo33o dos direitos humanos fundamentais: o direito 3 vida, 3 liberdade e 3 cidadania.

A responsabilidade dos meios de comunica33o tamb3m abrange o desafio de apresentar solu33es para o enfrentamento da viol3ncia. Raramente as mat3rias de jornais, revistas, TV e Internet apontam uma solu33o para a criminalidade. Os programas de variedade trazem assuntos de rotina da sociedade, promo33o ou vendas de produtos, e as revistas se colocam em posi33o bem definida sobre o assunto, supostamente tentando entend3-lo e analis3-lo. J3 na Internet, p3ginas s3o atualizadas minuto a minuto, e a arquitetura das informa33es conduz o internauta por caminhos, *link a link*. Um exemplo, nesse caso, est3 na morte da ju3za Patricia Acioli, assassinada com 21 tiros quando chegava a casa no dia 11 de agosto de 2011 (17). O caso, amplamente noticiado pela m3dia, foi relatado com atualiza33o quase instant3nea de informa33es, inclusive sobre o vel3rio e o enterro. A maior rede de televis3o do pa3s utilizou os seguintes t3tulos para as mat3rias sobre o assunto: "Ela nunca se acovardou, diz a irm3"; "Momento de sil3ncio"; "Marcada para morrer" (18).

Outro fator que se refere ao modo como os meios de comunica33o exploram os temas relacionados 3 viol3ncia diz respeito a um antigo comportamento do ser humano, o gosto pela trag3dia e o interesse quase macabro que os indiv3duos mant3m uns sobre os ou-

tros. Fato ou fic33o, a esp3cie humana sempre se deixou atrair por trag3dias. De certa forma, n3o se pode atribuir 3 m3dia o incentivo, a influ3ncia e o aumento da viol3ncia, e o fato de a m3dia explorar tem3ticas associadas 3 viol3ncia n3o pode ser entendido diretamente como causa imediata do crescimento da viol3ncia ou de comportamentos violentos. Desse ponto de vista, associar diretamente a programa33o da m3dia ao comportamento violento de grupos ou pessoas significa desviar o foco do problema, deixando de olhar as ra3zes mais profundas das verdadeiras causas, que incluiriam intera33es sociais, quest3es culturais, distribui33o de renda, desenvolvimento e educa33o, por exemplo. Assim, o fato de os indiv3duos se identificarem com os conte3dos n3o significa que reproduzir3o atitudes e comportamentos violentos, mas, antes, que tais conte3dos poder3o ser entendidos ou percebidos como met3foras, as quais servir3o simplesmente para direcionar suas ansiedades e press3es sociais.

No outro extremo, Porto (18) faz um alerta para os perigos dos meios de comunica33o:

Os meios de massa, se n3o s3o diretamente respons3veis pelo aumento da viol3ncia e da criminalidade, seriam, quando menos, um canal de estrutura33o de sociabilidades violentas, j3 que a3 a viol3ncia 3, n3o raro, apresentada como um comportamento valorizado. (p. 160)

Jornais, revistas, r3dios, TV e Internet figuram entre as grandes m3dias que ditam tend3ncias e exercem fasc3nio nos p3blicos. Por meio de abordagens, discursos e imagens, ou influenciando a opini3o p3blica, inserem-se nos organismos da sociedade e se mostram capazes de reafirmar valores como a liberdade, a paz e a solidariedade.

Por certo, n3o se pode considerar ser da m3dia a 3nica responsabilidade sobre o est3mulo ou o incentivo a variadas formas de viol3ncia, ou sobre a promo33o de comportamentos violentos. Por3m, n3o se pode negar que os impactos sociais que ela causa podem originar a banaliza33o do tema, ao explorar atos violentos a partir de imagens e sentidos de conflitos sociais.

CONSIDERA33ES FINAIS

N3o se pode atribuir aos meios de comunica33o a responsabilidade direta pela promo33o da viol3ncia como est3 instituída, mas tamb3m cabe a esses meios uma contribui33o 3s pol3ticas de combate 3 n3o viol3ncia. Entretanto, a m3dia explora ao extremo os fatos e acontecimentos violentos, ampliando sua import3ncia e divulga33o, 3s vezes envolvendo-os em uma aura de gl3ria.

3 m3dia cabe uma parcela das contradi33es que derivam da rela33o causa-efeito e que levam aos 3ndices assustadores e por demais preocupantes da viol3ncia. Al3m disso, sua abrang3ncia e cobertura insistente podem influenciar a opini3o p3blica e orientar o processo de decis3o de, pelo menos, alguns grupos.

Este texto discute a ideia de que a banaliza33o do tema da viol3ncia pelos meios de comunica33o acentua

as diferenç3as sociais contr3rias ao desenvolvimento das especificidades dos sujeitos e reforça o desprezo aos benef3cios coletivos, em detrimento dos direitos fundamentais pelos quais se firmaram grande parte das conquistas hist3ricas da humanidade.

Em todo o mundo, a m3dia exerce grande forç3 nas din3micas sociais e culturais, de forma que os esforç3s para a contenç3o da viol3ncia passam pelo modo como os meios de comunicaç3o pautam o tema. Seja em entrevistas, artigos, coment3rios, discuss3es ou apariç3es em programas diversos, a participaç3o da m3dia pode ser mais bem aproveitada no combate à viol3ncia.

A m3dia deve colaborar com a aç3o policial e n3o tornar p3blicas as estrat3gicas policiais de combate aos atos violentos. Deve, tamb3m, apoiar as pol3ticas p3blicas que visam à seguranç3a social, com reportagens, mat3rias e entrevistas que estimulem o comportamento saud3vel dos cidad3os.

No combate à viol3ncia, a comunicaç3o dos ve3culos de massa deve ser capaz de tornar a agenda dos meios de comunicaç3o mais respons3vel, a fim de n3o espetacularizar as not3cias que se relacionem à viol3ncia. Deve criar, em seus espaç3s, mais produtos educativos, destacar as iniciativas de promoç3o de desenvolvimento e de cidadania, considerando aç3es governamentais, da iniciativa privada e de organismos sociais. Deve destacar, tamb3m, tend3ncias e pol3ticas globais de incentivo à sa3de p3blica como um objetivo

de qualidade para a vida de seus receptores, al3m de selecionar pautas com 3tica e responsabilidade, apoiando os esforç3s da OMS no sentido de reduzir as desigualdades e as diferenç3as sociais.

SYNOPSIS

Violence and the media: the case of Brazil

The present paper discusses the sensationalization of violence by the media as a means to increase audience ratings, citing Brazilian cases, as well as the possible roles of the media in promoting or curtailing violence. The theme of violence permeates the patterning of and the various dimensions of society, with emphasis on the media. The debate surrounding this issue assumes that the means of communication, as producers of meaning, can contribute to transform behaviors and social habits based on an approach that values equality, citizenship, freedom, and the safety of individuals. By restricting the importance and emphasis on violence as a topic, the discourse of the media may contribute towards making cultures more egalitarian in their efforts to reduce violence rates.

Key words: violence; health communication; information; mass media; Brazil.

REFERÊNCIAS

- World Health Organization. WHO Statistical Information System (WHOSIS). Dispon3vel em: <http://www.who.int/whosis/en/> Acessado em 12 de març3o de 2012.
- Waiselfis JJ. Mapa da viol3ncia 2011 — os jovens do Brasil. S3o Paulo: Instituto Sangari/Minist3rio da Justiç3a; 2011. Dispon3vel em: <http://www.sesp.br.gov.br/MAPADAVIOLENCIA.pdf> Acessado em 19 de març3o de 2012.
- Haeyck CM. Refletindo sobre a viol3ncia. *Rev Bras Hist Cienc Soc.* 2009;1(1). http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Refletindo%20sobre%20a%20viol%C3%Aancia.pdf Acessado em 12 de dezembro de 2011.
- Bauman Z. *Modernidade l3quida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.
- Guiddens A. *Sociologia*. 8ª ed. Lisboa: Fundaç3o Calouste Gulbenkian; 2010.
- Chaui M. *Contra a viol3ncia*. Dispon3vel em: <http://www.fpa.org.br/contraviolencia-por-marilena-chaui> Acessado em 20 de dezembro de 2011.
- Porto MSG. Viol3ncia e meios de comunicaç3o de massa na sociedade contempor3nea. *Sociologia*. 2002;4(8):152-71.
- Carvalho S. Garantismo penal e conjuntura pol3tico-econ3mica contempor3nea: resist3ncia à globalizaç3o neoliberal: breve cr3tica. Dispon3vel em: <http://www.novacriminologia.com.br/Artigos/ArtigoLer.asp?idArtigo=2624> Acessado em 20 de dezembro de 2011.
- Fausto Neto A. Fragmentos de uma "anal3tica" da mediaç3o. *Matrizes*. 2007;1(2). Dispon3vel em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/viewArticle/5236> Acessado em 12 de març3o de 2012.
- Michaud Y. *A viol3ncia*. S3o Paulo: 3tica; 1989.
- Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R, eds. *Relat3rio mundial sobre viol3ncia e sa3de*. Genebra: World Health Organization; 2002. Dispon3vel em: <http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf> Acessado em 19 de març3o de 2012.
- Caldeira TPR. *Cidade de muros. Crime, segregaç3o e cidadania em S3o Paulo*. S3o Paulo: 34/EDUSP; 2000.
- Castells M. *A sociedade em rede: a era da informaç3o — economia, sociedade e cultura*. S3o Paulo: Paz e Terra; 2008.
- Briceño-Le3n R. Violence in Venezuela: oil rent and political crisis. *Cienc Saude Coletiva*. 2006;11(2):315-25. Dispon3vel em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232006000200010> Acessado em 12 de març3o de 2012.
- Minayo MCS. *Viol3ncia contra a mulher adolescente/jovem*. Rio de Janeiro: UERJ; 2007.
- Maricato E. *Brasil, Cidades — alternativas para a crise urbana*. 2ª ed. Petr3polis: Vozes; 2002.
- Misse M. *Crime e viol3ncia no Brasil contempor3neo*. Rio de Janeiro: Lumen Juris; 2006.
- Porto MSG. Viol3ncia e meios de comunicaç3o de massa na sociedade contempor3nea. *Sociologias*. 2002;4(8):152-71.

Manuscrito recebido em 10 de novembro de 2011. Aceito em vers3o revisada em 23 de fevereiro de 2012.